

TRINITY LIVA

A Biblioteca Pública de
Braga

8
SETEMBRO
1973

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIRECTOR Interino: João Barbosa de Macedo

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO
LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

OS DESERTORES

Por — Dutra Faria — Director da ANI

Desertar jamais trouxe glória fosse a quem fosse. Em todos os tempos os que desertam das fileiras ou — o que é pior — dos campos de batalha têm invocado motivos de ordem ideológica, ou de raça, ou de classe social, ou de religião. Mas nenhum desertor se libertou da suspeita, que sempre o havia de acompanhar pela vida fora:

— O que ele teve foi medo. O que ele é, é um cobarde...

E pelo menos em 90 por cento dos casos é, na verdade, a cobardia o que leva à deserção. Depois, nas chamadas «guerras imperialistas» — ou seja: nas guerras contra as quais toma posição o imperialismo soviético — há também, hoje, os que desertam porque são membros do Partido Comunista e porque o Partido lhes ordenou que desertassem. Finalmente, há os que desertam porque a sua religião lhes proíbe toda e qualquer participação em toda e qualquer guerra — é o caso, por exemplo, das «Testemunhas de Jeová», aos olhos das quais Guerra e Diabo são uma e a mesma coisa. Mas por toda a parte as «Testemunhas de Jeová» constituem uma ínfima, débil, insignificante minoria. Pelo que poderá dizer-se mesmo, sem que a margem possível de erro seja grande, que são cobardes ou comunistas pelo menos 98 por cento dos que desertam dos exércitos «imperialistas», seja no Vietnã, seja na África austral. Ora os cobardes nunca merecem mais do que o desprezo dos que são homens a valer. Quanto aos comunistas, o Partido cuida-os, ampara-os, protege-os, paparica-os, paga-lhes as passagens, arranja-lhes empregos — e, quando chega o momento oportuno, apresenta-os, mostra-os, exhibe-os, com guisos, reduzidos a simples titeres. Fantoches da propaganda.

Sempre, em todos os tempos e em todos os lugares, desertar foi um acto vergonhoso e a literatura de ficção abunda naquelas histórias em que desertores resgatam a deserção — um momento de fraqueza — batendo-se heroicamente até à morte, mas com outro nome, que não já o seu irremediavelmente manchado.

Nunca houve, porém, um exército sem desertores, como também nunca houve um exército constituído apenas por heróis. O que se tem, no entanto, de reconhecer é que talvez nenhum exército em campanha se possa orgulhar de ter tido baixas por deserção menores do que as registadas entre as tropas portuguesas em operações na África.

Em determinados países estrangeiros fala-se muito, em todo o caso, dos «desertores portugueses». Dizem-se «desertores» os que emigram clandestinamente antes da idade de serem chamados para o serviço militar — até com 10, 12, 14 anos... Mas também se dizem às vezes, lá fora, por simples conveniência, «desertores» e «exilados políticos» alguns dos que emigram o mais legalmente que é possível, depois dos seus honrados dois anos de serviço na África.

País algum da Aliança do Atlântico pode servir de asilo aos desertores das forças armadas de outro país membro da Aliança, por isso, na Holanda, não há «desertores» portugueses nem indivíduos fugidos ao cumprimento dos seus deveres militares — só há «exilados políticos» e... trabalhadores sem política, que são ainda, graças a Deus, a esmagadora maioria. Já na Suécia, porém, todo o trabalhador português que pretenda das autoridades (sociais-democratas) tratamento de favor poderá apresentar-se como «desertor» — ali no melancólico país dos três SSS (sexo, socialismo e suicídio) é paradoxalmente um título de honra o que em todo o resto do mundo (a começar pelos países comunistas) o é de opróbio.

Mas a que vem tudo isto?

Pois vem a propósito da escandalosa decisão que acaba de tomar, numa das suas reuniões em Genebra, aquele extraordinário Conselho Mundial das Igrejas que não descobriu ninguém melhor para seu secretário geral do que um notório marxista: abriu uma verba de 40.650 libras (100.000 dólares) para auxiliar os desertores (europeus, é claro) das guerras da África austral. Verba essa com que o

(Continua na 4.ª página)

Arnaldo da Silva Tomé

No próximo dia 16 perfaz 70 anos de idade o tesoureiro da Fazenda Pública do concelho de Amares, Snr. Arnaldo da Silva Tomé.

Por imperativo legal, a efeméride leva-o à cessação de funções, passando, por isso, à situação de aposentado.

Funcionário zeloso, dedicado e competente, — méritos que aliás lhe são reconhecidos superiormente — pois a atestá-lo está o facto de o Exmo. Director de Finanças distrital, Senhor José Lopes Peres, lhe promover uma sessão de cumprimentos de despedida como funcionário, que não como homen, pois esse permanecerá para além da função, o Senhor Tomé «tesoureiro» (assim é conhecido entre nós), trabalhou durante 43 anos em prol da Administração Pública.

Delicado e de fino trato, inofensivo nos momentos de exaltação (quem não tem na vida momentos de exaltação!...), o Snr. Arnaldo Tomé soube sempre impor-se à consideração dos milhares de contribuintes que atendeu aos «guichés» da sua repartição durante todo este espaço de tempo da vida funcional.

Para além, pois, do «dever de ofício», mas do dever cumprido, bem merece o grato reconhecimento não só das gentes de Amares que serviu, e em que se radicou há muitos anos, mas até, da própria Administração, dada a maneira exemplar do seu comportamento.

Deixa, portanto, as preocupações da vida burocrática, até agora vivida, para entrar no remanso de uma vida calma, porventura mais dedicada à Família, no gozo de uma merecida pensão vitalícia, que conquistou com o seu honroso e honesto trabalho.

Bem haja por ter atingido a meta sem dislates ou quebras dignas de reparo, o que não é apanágio de todos!

Ao Exmo. Senhor Director de Finanças do distrito, fica aqui expresso o nosso maior apreço por ser seu timbre assinalar estes acontecimentos para exemplo dos que ficam, enquanto Deus for servido, no exercício da sua função pública.

N. Gonçalves.

Na Serra da Cabreira

Houve confraternização de Funcionários Públicos de Vieira do Minho

Por: — Narciso J. Gonçalves

Não conhece, caro Leitor, a serra da Cabreira? Acredite no meu conselho desprezencioso: — Vá, porque vai gostar! Eu também fui, integrado no grupo a que pertenço há bastantes anos, e gostei. Bem sei que os gostos são relativos, como soe dizer-se. Porém, quando as coisas se impõem por si próprias, quero convencer-me de que todos gostamos, muito embora a nosso jeito.

Eu vi a serra de mãos dadas com o amor que me desvaneceu, porque, e por largos momentos, me afastei do grupo para viver de perto o isolacionismo daquela solidão com horizontes deslumbrantes!

É na solidão, meu amigo, que conseguimos encontrar-nos com o nosso eu; foi na solidão que se prepararam os grandes santos, orna-

mento e estrutura da Igreja. Mesmo aqueles que não constam das hagiografias, como o genial Vitor Hugo, se recolheram ao sossego e solidão do ermo para produzirem obras imortais que os nimbaram de glória.

E conquanto se diga em adágio que «quando vires homem só, dele tem dó» eu penso — e é verdade — que os maiores eventos da vida se preparam no silêncio ou solidão que pode bem não ser da serra mas, sem dúvida, a de um gabinete de trabalho. A serra é escura naquele arvoredo de nso de ramos e treliça do sil. Que sensação de bem-estar provocava o sussuro da brisa que mansamente os agitava como escravo o leque a fazer vento ao seu senhor naquele dia de canícula! Que recantos cheios de edenismo no sossego, de longe a longe entrecortado pelo chilrear de uma ave ou pelo roçar das asas de algum corvo, que passa lento sobre os vidoeiros ou pinhais de rigal! O próprio chão desses maravilhosos sítios, onde pés huma-

«Continua na 4.ª página»

Visitantes ilustres

Tivemos o prazer de ver entre nós, durante uns dias, os srs. Doutor Joaquim Mendes de Castro, Cônego da Sé de Lamego e Professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa e o Dr. Domingos Maria da Silva, escritor e arqueólogo a quem o nosso Concelho muito deve na descoberta dos seus tesouros artísticos.

O primeiro veio em visita ao segundo, seu antigo aluno, que se encontrava na sua casa de Lago a passar as férias, e os dois percorreram, acompanhados pelo estudante José Carlos, os lugares mais aprazíveis e históricos do nosso Concelho e de Terras de Bouro.

O sr. Prof. Doutor Mendes de Castro que também contactou com o Rev. Prior Albino Alves e visitou as instalações deste jornal acompanhado do nosso Director, expressou-nos a sua satisfação pelas belezas deste Concelho.

Escola Preparatória

Causou viva sensação no no nosso meio o facto de ter sido concedido o 3.º ano a diversas Escolas do nosso Distrito, sem o ter sido à nossa.

O acontecimento deu origem a que voltasse a comentar-se o desinteresse e, até, abandono a que se votou a nossa Escola, já com a frequência de 300 alunos no 1.º e 2.º anos.

Efectivamente a preocupação dominante é a dos empregos, bem remunerados e pouco trabalhosos, se possível como simples passatempo sem cuidar dos anseios e necessidades das terras e suas gentes.

E se a preocupação de uns é arrecadar, a de outros é deixar correr. E é pena.

DA GUINÉ

JÓVENS DE PORTUGAL

É principalmente a ti, rapariga portuguesa que me dirijo e que tens 17 ou mais anos. Então, toma atenção; és jovem tal como nós, os soldados que estão em missão de soberania no Ultramar, e por essa razão não esqueças aqueles que, dia a dia, hora a hora, direi minuto a minuto, arriscam a vida. É a ti, jovem, que te pergunto: Tens irmãos, noivo, parentes ou simplesmente amigos no Ultramar cumprindo o serviço militar? Se tens, escuta: Já lhe escreveste este mês, esta semana, hoje mesmo? Se não o fizeste, fá-lo quanto antes.

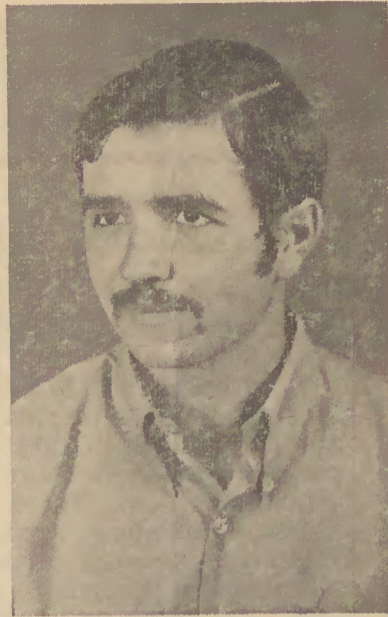
Há moças que preferem cinco minutos de praia ou de conversa com as amigas, até às vezes perdem esse tempo em coisas inúteis, quando cinco minutos bastavam para escrever um simples aerograma áqueles que estão tão distantes da sua terra natal, quantas vezes ruídos de saudades cumprimento do seu sagrado dever para com a Pátria. Se vocês, moças, pudessem compreender a alegria que um militar sente quando recebe alguma correspondência, em contraste com aqueles que não têm essa ventura, jamais deixariais de nos dedicar umas simples palavras.

Jovens, futuras esposas e mães: ainda vos não lembrastes de que, enviando-nos umas simples linhas escritas, podem ser também uma arma poderosa na luta contra os inimigos da nossa Pátria?

Meditai no meu apelo, escrevei e animai as vossas amigas a procederem do mesmo modo.

É tudo.

Confiamos na vossa compreensão.



Carlos Vieira Andrade

Sol. N.º 048/71

S. P. M. 1648

~~~~~  
Leia

~~~~~  
Propague e assinete

«Tribuna Livre»

Telefone dos Bombeiros Voluntários de Amares 62162

SONETO

Perdi os meus fantásticos castelos
Como névoa distante que se esfuma...
Quis vencer, quis lutar, quis defendê-los,
Quebrei as minhas uma a uma!

Perdi minhas galeras entre os gelos
Que se afundaram sobre um mar de bruma
—Tantos escolho! quem podia vê-los?—
Deiteime ao mar e não salvei nenhuma!

Perdi a minha taça, o meu anel,
A minha cota de aço, o meu corcel,
Perdi meu elmo de ouro e pedrarias...

Sobem-me aos lábios súplicas estranhas,
Sobre o meu coração pesam montanhas...
Olho assombrada as minhas mãos vazias...

DE BARREIROS

Tivemos conhecimento de que ainda este mês se vai iniciar a carreira diária com passagem por esta freguesia. Vinda de Braga, passara por aqui, Amares e Caldelas num itinerário muito útil para todos os interessados. Parabéns à Empresa António Gomes Tecedeiro.

AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

pequenito ao colo com todo o cuidado, e ambos deitaram a correr através dos campos, ansiosos por se verem longe daquele maldito palácio.

E o cão corria atrás deles:

Lá em baixo, junto da porta do palácio, a duquesa, arqueando o chicote entre as mãos, gritava, enraivecida:

—Aqui, «Fiel»!... Aqui, «Fiel»!...

Mas o animal não obedeceu... Parecia que, repentinamente se tornara defensor e guardião do recém-nascido que acabava de ser repellido pela sua própria mãe.

O maravilhoso instinto do animal—que é o mais nobre amigo do homem, ao extremo de beijar a mão que o castiga— esse instinto maravilhoso parecia indicar-lhe que o seu lugar era noutra parte.

Carmencita, alcançada pelo cão, chegou-se muito ao Pardal receosa ainda de que ele lhe fizesse mal, mas o cão, como se quisesse dizer-lhe que não tivesse medo, mirou-a com os seus grandes olhos pardos e soltou um ligeiro uivo, roçando-se meigamente pelas pernas da graciosa Carmencita.

—Ó «Pardal», repara no cão...

—Quer fazer-te compreender que podes contar com a sua amizade!

Carmencita, mais confiada, acariciou a enorme cabeça do bicho, coçando-a entre as orelhas e dizendo-lhe com a sua meiga voz: —Pobrezinho do «Fiel»!... Lá no palácio parece que não te estimavam muito!... Mas quero-te eu, meu bom «Fiel»!

E o enorme animal, de boca aberta em virtude da corrida, com a língua vermelha e fresca de fora, parecia agradecer aquelas carícias, com o olhar doce que lançava sobre Carmencita.

O «Pardal», então disse:

—Este é cá dos nossos, minha amiguinha!

—Dos nossos?!...

—Sim... Dos que temos coração!

Já tinham deixado de correr, mas andavam no entanto a passo estugado. Só quando, já longe, mal avistavam a silhueta do palácio de los Breños, é que moderaram a marcha.

Era num dia cinzento e frio. A neve da noite anterior ia-se

derretendo com lentidão. Os campos pareciam cobertos por uma capa fina de cristal. Dos ramos nus das árvores, caíam gotas de água, como se fossem grossas lágrimas.

—Não posso mais meu «Pardal»! Estou cansada — confessou Carmencita.

—É mau sítio para descansar e eu estou ainda com medo dessa gente.

—Crês que nos perseguirão?

—Eu não vejo vir ninguém... Mas, confesso que tenho medo!

É gente muito má, crê.

—E por que nos haviam de perseguir?

—Eu sei lá... — respondeu o «Pardal» — A falta de melhor, são capazes de dizer que lhe roubamos o cão!

—O cão veio por sua livre vontade!

—Isso é uma coisa que só nós e o cão sabemos! Se quiserem acusar-nos, nós é que temos tudo a perder. Não nos acreditariam.

—Isso sim... Nós não mandámos vir o animal!

—Tu és muito inocente, pequenal!

—E tu pensas mal de tudo!

—E não tenho razão? Eu não te disse que não entrasses só no palácio?... Vê lá o que sucede! Ou já te esqueceste?

—Tens razão. Mas o caso do cão é diferente. Vejo, porque quis vir.

—Isso não convenciria os guardas. Não bastam as nossas afirmações: Desde que nos encontrem com o cão...

—E se o mandássemos embora?...

—Experimenta, mas eu tenho a certeza de que o animal já não nos quer deixar.

—Porquê?

—Experimental!

Carmencita, assustada com o receio de que os acusassem de terem roubado o animal, intentou afugentá-lo, gritando:

—Vai-te embora, «Fiel»!

O animal olhou-a fixamente, muito fixamente com um olhar quase humano, mas não se mexeu.

Carmencita fez-lhe então sinal para que se afastasse, apontando-lhe a direcção do caminho já percorrido.

—Vamos, «Fiel»... Vai-tel!

O animal, sem se mover, continuou a olhá-la.

Carmencita baixou-se, apanhou uma pedra e fez menção de atirar-lha.

—Vai-te embora, «Fiel»... Olha que eu atiro!

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Caldelas sem Gasolina

Uma das terras que mais merece protecção, é Caldelas pelo seu valor terapéutico canalizador de grandes receitas ao comércio hoteleiro e ao Município.

O número e a qualidade dos aquistas que anualmente fazem tratamento, dispensam comentários para que as autoridades olhem a sério por essa «mina de ouro branco» muitas coisas faltam às exigências de qualquer hóspede mas a falta de gasolina também faz falta aos filhos da terra diminuídos da sua categoria de residentes de uma das terras mais famosas do país em águas minerais. É uma vergonha o que se passa numa época de automobilismo nessa terra sem uma bomba de gasolina. Tudo se deve quasi à iniciativa particular no respeitante ao progresso de uma terra esquecida pelas autoridades e pelo cúmulo do disparate ainda agora o Director das O. P. do distrito põe obstáculos à montagem da bomba por um motorista que gastou milhões de escudos em plantas e não conseguiu o beneplácito do Sr. Director, caprichoso e exigente, sem se lembrar que há coisas remediáveis sem atentar contra a sua dignidade, assim ficará essa «pobre» gente enquanto o coração do Sr. Director não estremecer perante tantas victimas do tal facto.

Grupo Folclórico de Amares

Foi um sucesso a estreia do grupo folclórico da Casa do Povo na noite de 26 de Agosto na freguesia de Pouza — Barcelos.

A vitória alcançada deve-se ao padre Fernando Marques, pároco da Vila, que durante muito tempo e vencendo dificuldades para afinar gargantas e pernas dessa promissora juventude Amarense, apresentou 40 figuras e figurinhas que levaram longe o nome da terra de Gualdim Pais já famosa pelo vinho verde e pelas sumarentes laranjas.

A juventude do padre Fernando está a ser um exemplo de virtude que podem e devem ser seguidos para honra da Igreja e de todos os homens que com Ela se comprometeram para a dignificar.

Fraternidade Familiar

É do conhecimento público não sendo esta notícia porisso causadora de escândalo ao ser publicada que o ex-soldado da G. N. R. Augusto Gomes, residente no

lugar de Vasconcelos, Ferreiros, deu uma tarefa nos tios, residentes na Bornaria deixando-os bem mal tratados estando a tia ainda internada no hospital de São Marcos e o tio anda com um braço ao peito por estar partido pelo ferro que foi usado pelo agressor. Nenhum motivo justificaria a violência das agressões e muito mais para um sobrinho que já foi autoridade, que já vestiu uma farda que não soube conservar sendo expulso, dizem.

Estou convencido que ele ao ser julgado no Tribunal não vai ficar aborrecido se for condenado porque a acção não é digna de contemplações.

Domínios Ingleses

A Inglaterra é o país dos domínios e Portugal das descobertas. Mas a Inglaterra não olha para si mas olha para Portugal que não pratica os vergonhosos actos de uma posse violenta arranjando que na Irlanda do Norte se derrame sangue com furtura. O capricho Relegioso da Irlanda aonde os católicos sofrem horrores dos protestantes protegidos pelo governo, vai ter agora o seu fim com a visita do primeiro ministro Inglez dando aos Católicos liberdades iguais até agora reservadas aos protestantes. Mas a Inglaterra já sabia há muito a razão das desgraças acontecidas no país que domina contra vontade de todos os naturais.

— Por —

Elsio Gonçalves

Carracedo Amares

Casamento Elegante

Domingos Barros e

Teresa Araújo

No passado dia 25, consorciaram-se na Penha, Guimarães, o nosso particular amigo Snr. Domingos Machado de Barros, natural de Barreiros, com a prendada menina Teresa de Araújo.

Depois de estarem entre nós regressaram na passada quarta-feira a França, aonde têm a sua vida organizada, pelo que lhe desejamos muitas felicidades e que quando regressarem seja visível a sua satisfação para alegria de familiares e inúmeros amigos que aqui contam.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

No passado dia 1 o snr. Horácio Gonçalves e o snr. João Batista da Silva.

No dia 2 o sr. Rui Manuel Arantes Rodrigues.

No dia 4 a menina Teresa de Jesus Dias da Silva.

No dia 5 as sras. D. Maria Barros Azevedo e D. Mariett Barros Azevedo.

No dia 6 o sr. José Maria Rocha Almeida.

No dia 7 a sra. Maria Judite Gonçalves Macedo, a sra. Lúcia Martins Dias e o sr. prof. Alberto Dias Antunes.

Segunda-feira, dia 10, a sra. D. Almerinda dos Prazeres Fernandes.

No dia 11 o snr. Alberto Ramos Leite de Azevedo.

No dia 12 o menino Jorge João da Silva Pereira e no dia 14 o sr. Alberto António Rodrigues da Silva.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

BARREIROS

António de Sousa

ANIVERSÁRIO

Na passada segunda-feira festejou mais um aniversário natalício o nosso assinante e particular amigo Sr. António de Sousa, funcionário corporativo e figura de relevo alto na sua freguesia.

Para comemorar a efeméride, baptizou uma sua neta nascida em França, a quem foi posto o nome de Maria Aurora, seguindo-se um almoço a que assistiram todos os familiares e muitos amigos sendo no final muito felicitado.

Desejámos-lhe que tivesse passado uma festa rija com seus familiares e amigos e que Deus lhe conceda muitos e felizes anos na companhia de sua idolatrada família. Os nossos sinceros parabéns.

BI-ANIVERSÁRIO

SALVÊ 11-9-73

Na próxima terça-feira, dia 11, festejam o aniversário natalício o sr. Adelino do Sacramento Vieira, proprietário, da freguesia de Figueiredo e sua nêtinha Maria da Conceição Araújo Vieira, filha dos nossos assinantes srs. Ernesto Vieira e D. Maria do Sameiro Araújo, proprietários da «Rival».



Tribuna Livre, que tem pelo progenitor do proprietário da Rival muita consideração, regista o facto com satisfação dando à publicidade o aniversário do homem honesto, trabalhador e sério, chefe de numerosa e selecta família que ele orienta e aconselha.

Desejámos-lhe, a ele e a sua nêtinha, que passem um aniversário muito feliz e que por muitos anos a Tribuna publique este aniversário — Avô e neta juntos — são os votos sinceros deste «Semanário» que conta na família Vieira inúmeros assinantes e amigos.

Parabéns

Incêndio

Na passada segunda-feira, por volta das 11,30 horas, a sirena dos Bombeiros Voluntários de Amares tocou célebre a anunciar incêndio na Vila.

Era uma casa agrícola propriedade do sr. dr. Arantes Rodrigues, no largo da Capela, que era pasto de alterosas chamas.

Prontamente acorreram os voluntariosos soldados da paz do Concelho que, devido à proximidade de outros prédios, e ao facto de, no espaço que media entre a casa sinistrada e a residência do proprietário haver grandes quantidades de lenha, se viram na necessidade de pedir a colaboração dos Municipais bracarenses, vindo também, mais tarde, uma viatura dos Voluntários de Braga e da Póvoa de Lanhoso, não chegando estes dois últimos a prestar os seus serviços, por não haver já necessidade.

Os prejuizos são elevados em virtude não só do prédio ficar completamente destruído mas também de inúmeras alfaias agrícolas serem devoradas pelas chamas.

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA



Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62124
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria)	66133

Confraternização de Funcionários

«Continuado da 1. página»

nos passam poucas vezes, também eles oferecem beleza aos olhos de quem chega. É que, caro leitor, no rigor dos invernos, vão-se formando camadas de musgos sobrepostas que, na estação do estio, secam constituindo, depois, vasto tapete de um verde sépio de encantar. É convidativo para dormir uma sesta! Precisamente. Não resisti à tentação de me «botar» para o chão, a fim de experimentar a cama que se me oferecia. Era fôfo esse colchão que a natureza fizera em dias maus do ano, talvez melhor que o lusoespuma trabalhado pela mão do homem!... E, contra aquilo que esperava, adormeci. Sim, leitor amigo, adormeci e sonhei! O sonho também é vida... E se não fora o terem-me acordado, talvez que a noite me viesse envolver no seu misterioso manto negro e, nessa altura, teria por companheiros, não os que ouvia longe em gargalhada franca, mas as feras que pululam por aquelas paragens, porque, ali, é o seu mundo, porque já é tempo de dizer que não fui à serra só para admirar!

Na verdade, houve almoço de confraternização em que nada faltou.

Pois até a vivinha da Póvoa lá chegou, acamada em cabaz próprio, graças à boa vontade e decidido querer de dois activos organizadores do repasto, senhor Medeiros, digno chefe da secretaria da Câmara Municipal, e um seu subordinado, Senhor Matos. Foram buscá-las no próprio dia. Bem hajam!

Porém, como nem só de pão vive o homem — (o homem é omnívoro) — não podia deixar de estar presente o senhor cabrito assado, com boa dose de piri-piri para espevitá-lo a pinga, loirinho e bem cheiroso, que foi um regalo! Pena foi que o sr. Fernandes do Cartório Notarial chegasse tarde, pois só encontrou ossos... Mas o «dr.» Moura comeu, e comeu bem!...

E o melão comido com fatias de presunto? Eu não sabia, mas é delicioso! E, para mais, servido nas alturas da serra... Até parecia «maná do deserto!...»

E os vinhos? Quase que ia havendo concurso. Presentes o de Amares, Basto, Vieira, Póvoa de Lanhoso e Favaio. Quanto a este último, grato ao sr. engenheiro Lobo da Câmara, por consentir que as garrafas fossem «sugadas» durante aquele meu repouso sono... É que nem chêta!...

Houve, para sobremesa,

bom doce e fruta, e não esqueceram os bagaços e brandys.

Tudo esteve à altura da serra!

No entanto, leitor amigo, para além de tudo isto, há uma coisa que ficou: a sã camaradagem que ali se viveu numa dose de amizade que não é vulgar.

Para o ilustre Presidente da Câmara, Senhor Dr. Alfredo Ramalho, e Exmos. Subinspector de Finanças — Sr. Alberto Ferreira Gonçalves, e seu adjunto, Sr. João Manuel dos Santos Salvadorinho, fica aqui expresso o nosso agradecimento pela anuência dada ao convite que oportunamente selhes fizera, bem como ao Exmo. Regente Sr. Fidalgo, da Administração Florestal de Vieira do Minho, e Chefe da Repartição de Finanças da Póvoa de Lanhoso, Sr. Artur Camelo Pacheco.

Só resta dizer — e vou finalizar — que estas vivências sadias entre funcionários não só retemperam o espírito da monotonia que tantas vezes se vive, mas também revigoram a amizade que entre to-

Assembleia Geral do F. C. Amares

Tal como foi anunciado nos respectivos editais, reuniu a Assembleia Geral do F.C. de Amares a fim de eleger os corpos directivos para a época 1973/77.

Presidiu ao acto o sr. João Barbosa de Macedo ladeado pelos srs. Januário de Barros e António Meneses.

Fez exposição sobre a situação do grupo o presidente da Direcção sr. Manuel Janela.

Apesar das diligências feitas não foi possível eleger nova direcção pelo que ficaram os trabalhos suspensos.

Armandino Abreu Dias

O nosso amigo e conterrâneo sr. Armandino Abreu Dias, exerce, de há anos, o cargo de técnico verificador na Repartição de Finanças de Braga.

Sujeito a concurso para Secretário de Finanças de 1.ª classe o nosso caro Armandino conseguiu uma classificação que lhe permitirá ascender àquele cargo.

Dentro da sua maneira de ser despreziosa o Armandino Dias é um amigo certo que prezamos.

Parabéns.

A NIVERSÁRIO

Ontem, dia 7, passou o 17.º aniversário natalício do sr. José Vieira Pinto, funcionário da Padaria Aurora do Minho, filho do sr. Hipólito Xavier Pinto e D. Almerinda Vieira, naturais desta Vila.

Desejamos ao jovem atleta da Rival muitas felicidades e que esta data seja sempre comemorada com muita alegria junto de seus familiares.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro e Províncias Ultramarinas	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00

Aniversário

Amanhã, dia 9, passa mais uma primavera natalícia o nosso assinante e dedicado amigo sr. Silvério Soares, natural de Barreiros e residente com sua esposa e filhinhos em França.

Esteve há pouca entre nós e já regressou ao seu traba-



lho aonde lhe desejamos que passe um aniversário muito feliz junto de sua querida família e amigos.

«Bi» - Casamento elegante

Na manhã do passado domingo a nossa Igreja Matriz movimentou-se e alindou-se com a celebração de um lúcido casamento que era, afinal, um acto duplo pois se consorciaram duas irmãs.

No primeiro caso foram nubentes a prendada menina Maria de Macedo, filha da sra. D. Gracinda de Macedo e do sr. Arlindo José de Macedo e o jovem Armandino Soares da Cruz, filho da sra. D. Joaquina Soares da Cruz e do sr. Artur da Cunha Cruz.

No segundo consorciaram-se a menina Isilda de Macedo irmã da primeira e o jovem Augusto de Azevedo.

Famílias muito conhecidas e estimadas no nosso meio o acontecimento despertou a maior atenção por esse motivo e por se tratar de um assinalável acontecimento mundano enriquecido pelos trajes vistosos de noivos e acompanhantes. As noivas trajaram de tule branco com cauda acentuada, o noivo Augusto com casaca e o noivo Armandino com um vis-

tososo e caro modelo americano estilo smoking azul claro com camisa de folho a formar um conjunto admirável.

Foi celebrante o prior Rev. Albino Fernandes Alves que no momento próprio inalterou os dotes dos nubentes e designadamente o espírito católico dos seus pais que constituem famílias que merecem o maior apreço.

No final o cortejo rodou até ao Restaurante «Milho Rei» aonde, no seu salão de festas, foi servido o almoço, que deu motivo a que, em brindes repassados de muita sinceridade se exaltavam as virtudes dos noivos e seus pais.

E o ar festivo do dia alongou-se até o fim da tarde com animado baile a que a juventude presente emprestou a sua garridice e o seu «fair play».

Aos noivos e seus familiares que cá dentro, como lá fora, gozam da maior estima, deixamos aqui os votos de muitas felicidades.

Lamentável Desastre

A ilustre família Sá Coutinho Rússel, que regressava de Lisboa, sofreu grave choque no automóvel que conduzia o jovem Luiz Filipe estudante de Direito. No mesmo carro vinham sua irmã D. Caetana e sua mãe D. Maria Manuela, que estão internados na Casa de Saúde de Amares.

Foi na célebre curva da recta de Lago que se deu o acidente provocado por um carro de Lisboa para onde se dirigia.

O estado em que ficaram os dois automóveis é um sintoma da imprudência do condutor do carro que atropelou a querida família Rússel a quem a Tribuna deseja rápido restabelecimento.

Os Desertores

«Continuado da primeira página»

referido Conselho pensa criar nada menos do que uma espécie de «passaporte do desertor»...

A isto se chegou, nos caminhos da subversão. A este impudor. A esta total inversão de valores. A esta quase que apoteose da cobardia. A esta quase que legalização do mais grave, para um soldado, dos actos de indisciplina.

Valha-nos ao menos a certeza de que na União Soviética os desertores continuam a ser, consoante os agravos ou as atenuantes do delito, passados pelas armas ou condenados a trabalhos forçados na Sibéria por um período de tempo que varia entre os 25 e os 50 anos. E na China não sabemos como é, mas o mais provável é nem sequer se dêem ao trabalho de os fuzilar... Há sempre, com certeza, um rio que corre perto do quartel. Se, todavia, algum desertor russo ou chinês conseguisse chegar a Genebra e fosse, esfarrapado e faminto, ao Conselho Mundial das Igrejas pedir abrigo e protecção, parece-me que estou a ouvir a resposta que lhe dariam:

—Tenha paciência. Para si não há verba disponível. Volte para o ano. Vamos, entretanto, estudar o seu caso. Compreende... Temos de ter muito cuidado com os intrujões e com os agentes provocadores.

Telefone dos Serviços dos Bombeiros V. Amares 62162